

## A FESTA DOS REIS MAGOS E OS PRESENTES QUE O BRASIL ESPERA

Maria Clara Lucchetti Bingemer

A festa da Epifania, no dia 6 de janeiro, ainda dentro do Tempo do Natal, nos relembra a universalidade da manifestação do Senhor. A palavra "epifania", do grego. *epiphaneî*, no latim *epiphania* significa, segundo o Dicionário Aurélio, Aparição ou manifestação divina. E também Festividade religiosa com que se celebra essa aparição. Nós, que vivemos depois de Jesus Cristo, celebramos esta festa chamando-a também de "Dia de Reis". Neste dia comemoramos a adoração do Menino Jesus pelos Reis Magos vindos do Oriente (Baltasar, Melchior e Gaspar). O capítulo 2 do Evangelho de Mateus nos conta a linda história dos magos e sábios que acompanharam a estrela que viram no Oriente e foram atrás dela para encontrar o Salvador. Meditando sobre ela, somos levados igualmente a pensar no Brasil, que acaba de entrar em uma nova etapa de seu processo democrático, com a eleição do presidente Lula e a ascensão de um outro partido, com outras propostas, ao poder executivo. A esperança demonstrada pelo povo no dia da posse do presidente revela que esse povo tão sofrido e que há tanto tempo aguarda uma luz também espera ganhar alguns presentes que há muito lhe são devidos.

O evangelho de Mateus (Mt 2, 1-11) nos revela várias coisas sobre o Menino Jesus cujo Natal recentemente celebramos. E a primeira é que ele já nasce correndo perigo. Nem bem nasceu, pequenininho e sem lugar nem para dormir, o poderoso rei Herodes já quer matá-lo. É desde sempre que a injustiça luta contra a justiça, que os poderosos deste mundo perseguem aqueles que podem representar concorrência ou ameaça a eles.

Herodes se apavora quando ouve mencionar outro rei que não ele mesmo. E deseja matá-lo, eliminá-lo da sua frente. Os magos, porém, eram homens sábios. Procuravam o lugar de onde viria a salvação e por isso seguiam a estrela que poderia mostrar-lhes o caminho. Ao buscar por longo tempo onde estava o menino, o sinal de que o haviam encontrado foi a estrela haver parado sobre a casa onde ele estava. E também a alegria interior que os magos sentiram. O que esperavam ver aqueles homens ricos e sábios vindos do Oriente? Será que esperavam encontrar luxo e poder? Aquela que acreditavam ser o Salvador de toda a humanidade? Em todo caso, não lhes foi mostrada outra coisa do que o menino envolto em faixas com Maria, sua mãe. Os magos diante do Menino manifestado a eles que vinham de tão longe, do outro lado do mundo, fazem o gesto da fé: se ajoelham e adoram o Menino.

Este evangelho e esta festa da Epifania são tremendamente significativos para todos nós, brasileiros, que acabamos de ver o impossível acontecer em nossa pátria: um operário ser empossado como presidente da República, os pobres chegarem efetivamente ao nível das decisões do país e tudo isso ser celebrado numa verdadeira festa democrática onde a esperança vence o medo e a alegria reinava. Que a salvação se encontre num menino envolto em faixas e deitado numa mangedoura; que a esperança de um novo Brasil se encarne na proposta de alguém que vem das classes mais baixas e humildes é realmente um reverter espantoso de expectativas, que nos enche de estupor e assombro.

Depois disso, o Evangelho nos conta que os magos abrem os seus tesouros e cofres e dali tiram presentes para dar ao Menino. Recordando essa tradição, em muitos países ainda hoje o dia de trocar presentes não é o dia 25 de Dezembro, a noite de Natal, mas o Dia de Reis. Todos se tornam um pouco Reis Magos, e oferecem presentes porque na verdade receberam o maior de todos os presentes: Deus mesmo que se fez carne humana para nos salvar.

Esses presentes dos magos revelam muito sobre a identidade d'Aquele que acabara de nascer. O ouro simbolizava sua realeza. O Menino era verdadeiramente Rei. O incenso simbolizava sua divindade. Aquele Menino frágil e pobre era Deus, Deus verdadeiro. A mirra simbolizava sua humanidade. Aquele recém-nascido, embora Rei e Deus verdadeiro, era verdadeiramente homem, vulnerável e mortal como todos os homens.

O povo brasileiro igualmente, após a celebração da vitória impensável da estrela que há décadas procurava brilhar no céu das nações e agora instalou-se no Palácio do Planalto, centro do governo e do poder, espera ansioso os presentes que deseja dar e receber: o presente da liberdade e da possibilidade de uma vida digna; do alimento chegando às mesas com suficiência e decência; da justiça sendo feita e dos empregos sendo gerados para permitir o trabalho e o sustento das famílias; o presente das terras improdutivas que serão cultivadas e gerarão muitos milhões de grãos e vegetais para alimentar o povo e alegrar a vista.

Diante do tão grande mistério manifestado na epifania tão luminosa do Senhor, os que deram presentes é que saíram presenteados. Se ajoelharam, adoraram o Menino e voltaram felizes para casa, desviando-se do caminho onde estava Herodes, cheio de intenções assassinas em relação ao Menino. Desde o primeiro instante, portanto, Jesus provoca decisão diante de sua pessoa. Não se pode ficar neutro diante d'Ele: ou se é a favor ou contra. Os pobres pastores e os sábios do Oriente que buscavam e desejam a salvação são a favor. Os poderosos que querem reinar sozinhos e oprimir os outros são contra. Até hoje é assim. A história se repete e Jesus se manifesta como luz que ilumina a alguns e cega a outros. Sua epifania nos chama hoje como sempre a viver na verdade.

Por isso, no Brasil passado a limpo de 1 de janeiro de 2003, os que entrarem nessa nova dinâmica de presentear para receber, de fazer-se presente para sentir-se presenteado serão como luzes, estrelas, astros que orientarão toda a nação em direção à Verdade. E a Verdade é que a justiça e o direito reinem para todos, e que o Brasil possa prover aos seus filhos uma aurora grávida de futuro e luminosa de esperança.